

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Por muitas vezes temos dito, e a experiencia confirma cada dia este nosso dizer, que esta nossa terra é a terra das maravilhas. Ahi se publicou um periodico, que se intitulou o *Novo Tempo*, que teve a franqueza de declarar-se ministerial, e ainda não satisfeito, enristou logo em seu primeiro numero sua lança contra nós, e nos chamou da opposição.

Porque razão é o *Novo Tempo* ministerial? eis o que não podemos adivinhar, e que por isso achamos maravilhosa. Para que uma folha seja ministerial, entendemos nós, que é preciso saber o que é, ou o que quer o ministerio; sem isso não sabemos, como alguém se possa dizer ministerial. Como hypothecar um voto antes de saber-se porque causa se hypotheca? e entretanto assim faz o *Novo Tempo*: sem saber ainda o que quer o gabinete, desde já lhe hypotheca o seu voto. O *Pharol* quando se declarou ministerial, disse-nos, que era por ter um amigo intimo no gabinete; e com quanto a razão não seja das mais convincentes, todavia pôde passar: pôde o *Pharol* ter perfeito conhecimento dos principios politicos e administrativos do seu amigo, e achar-lhe bastante firmeza para em nada ceder a qualquer exigencia de algum dos outros membros do gabinete. Porém o *Novo Tempo* nada nos diz: é ministerial porque é ministerial: as razões elle as guardou; e não sendo ellas do dominio do publico, porque até hoje ainda o ministerio não nos quiz dizer o que é e o que quer ser, segue-se que é para nós uma maravilha: segue-se que o ministerialismo do contemporaneo, é ministerialismo problematico, a sua existencia mesmo é problematica, e deve ser acrescentada ao catalogo de tantas outras existencias problematicas, cujos principios, cujos meios, e cujos fins ninguem conhece.

E não satisfeito o contemporaneo de se dizer ministerial, inscreve nosso nome no catalogo dos opposicionistas. Nós na opposição até hoje ao gabinete de 2 de fevereiro? quando? onde? Desde que os actuaes ministros entraram para o poder, não temos em um só numero deixado de pedir-lhes, que nos digam o que são, e offerecendo-lhes sempre o nosso apoio: ainda neste mesmo numero vai um artigo, que já tinhamos escripto nesse mesmo sentido: ainda uma palavra não escrevemos contra o gabinete; pelo contrario, por vezes temos dito, que seus membros foram nossos correligionarios; temos dito, que emos esperanças de que serão os mesmos homens, e

sustentarão os mesmos principios, porque não é este o caso em que o regente de França se deva esquecer das injurias feitas ao duque de Orleans; nem tambem cuidamos, que tornaremos a vêr tão cedo um ministro, que diga muito cheio de si, que não está obrigado a seguir os principios do deputado. Estamos na opposição?

Queria o contemporaneo, que tivessemos ficado de boca aberta diante dos ministros, só pelo facto de serem ministros, e que não abrissemos boca senão para os elogiar? queria equiparar estes ministros á aquelles, de que falla Casti, que só porque se approximam do monarcha, recebem logo certos influxos, ou antes despertam-se-lhes as ideias, que até então nem sonhavam ter, e ficam desde logo sendo grandes homens? Pois affiançamos ao contemporaneo, que não sjuizou bem de nós. Fomos ministerial durante o ministerio passado; mas isso não foi por nosso alvedrio; foi porque nossa razão nos dizia, que os principios politicos e administrativos desse gabinete, eram conformes ás necessidades do paiz: para sermos agora ministerial ou da opposição tambem carecemos, que nossa razão nol-o ordene: mas esta carece de base para formar os seus raciocinios; não é a esmo, que se dirige.

Já o declaramos em o primeiro numero desta folha: já o declaramos, depois que o actual gabinete subiu ao poder: somos mais propenso a elogiar, que a censurar, antes queremos ser ministerialista, que estar na opposição; mas com a mesma franqueza, que somos uma, somos a outra coisa, nem esperamos recompensa, nem recebemos convicios.

O actual gabinete tem motivos, pelos quaes já sentimos alguma propensão em seu favor, e é a conservação até hoje dos presidentes das provincias nomeados pelo gabinete passado: com effeito parece, que esta conservação dá a entender, que quer elle seguir a mesma politica; mas por outro lado, para que esta demonstração fosse significativa, era preciso, que fosse acompanhada de alguma declaração positiva, para que soubessemos ao certo com que contar. Sabemos nós se é por falta de homens que se queiram encarregar das presidencias? sabemos se é porque o ministerio se não tem dado ao trabalho de os procurar? Sabemos se alguns tem sido propostos porém rejeitados? Ignoramos tudo. E nesta ignorancia como ser da opposição, ou ministerial?

Não sabemos adivinhar, e por consequencia não sabemos se apoiamos com nosso mui pequenino auxilio, ou

se combatemos o gabinete. Está o *Novo Tempo* encarregado pelo gabinete de nos declarar suas opiniões? Se o *Novo Tempo* é o ministerio, declare-o, que então entraremos em ajuste de contas: mas por ora não lhe vimos a procuração, e por consequencia seja ministerial quanto quizer, que nós não o somos, assim como não somos da opposição.

AINDA O MINISTERIO DE FEVEREIRO.

Temos por vezes pedido ao gabinete, que haja de dizer-nos, qual é a politica, que pretende seguir: temos-lhe pedido, que dê uma direcção aos negocios publicos, que não se limite ao simples expediente das secretarias; que reconheça a elevada posição, em que se acha: e apesar de nossos rogos, apesar do que com tanta evidencia se reconhece ser uma necessidade publica, o ministerio vive na mais profunda quietação, como se nada fosse com elle, ou como se desconhecesse a importancia de seus deveres. Que indiferença é esta? pois realmente o ministerio não sabe, que um dia perdido, nunca mais se pôde recobrar; e que em uma nação, em que os acontecimentos se passam com tanta rapidez, um dia equivale a annos? Cuida o ministerio, que os brasileiros são germanos?

Custa por certo a conceber tamanha indiferença. Pois os negocios publicos não merecem mais cuidado? pois o governo não quer governar?

Confessamos aos nossos leitores, que muito nos tem dado, que entender esta apathia; e que por mais, que meditamos nella, não lhe podemos achar as causas. Lembra-nos algumas vezes, que talvez as mesmas razões, que originaram a queda do gabinete de janeiro, motivem a indecisão do gabinete de fevereiro; não trataremos do Sr. Saturnino, porque esse já o gabinete sabia, que devia ser conservado, e foi essa a condição, com que lhe foram confiadas as pastas: mas os inglezes e a Joannaahi vivem, ali se agitam, e movem: serão essas duas potencias, que inibem, que o gabinete tome uma marcha franca e decidida?

Castaria a crer: todavia estamos bem certo, de que os inglezes, logo que viram o Sr. Alves Branco no ministerio, exultaram de prazer, tornando-se-lhe muito mais vivo assim, o que sentiram com a queda do gabinete de janeiro. A Joanna também não podia deixar de exultar: e, costumada a sómente prostrar-se aos pés do monarcha, e a olhar para o resto dos Brasileiros, com o para individuos, de que pôde e deve dispôr á sua vontade, não podia deixar de querer impor logo as suas condições. E a mim, diria ella aos ministros, que deveis o logar, que occupais: a não ser eu, não foram demittidos os vossos antecessores; eis pois: é necessario reconhecer meu predomínio, satisfazer minhas vontades. Os inglezes, também é de presumir, que corresse e dissessem, que é tempo, de que o Brasil aceite e faça cumprir promessas, ou antes propostas, que lhes foram feitas pelo Sr. Alves Branco em eras anteriores.

A primeira vista pôde esta parecer a posição do gabinete. Urgido pelos inglezes e pela Joanna, sem poder satisfazer nem a um nem a outro, julga melhor conservar-se na indecisão, e conservar a todos na duvida. E depois assim assegura o gabinete mais alguns dias de duração: porque muito bem se lhe poderia suppor, que não se quer malquistar com os inglezes ou com a Joanna, para não ter contra si os inimigos, que achou o gabinete

de janeiro, ao mesmo tempo, que não quer offender o lado, que sustentou esse gabinete, porque sabe que é o grande partido nacional, e que por consequencia teria logo contra si essa grande maioria, que o sustentou, e por tanto brevemente se veria obrigado a deixar o poder.

Nem um destes raciocinios fazemos nós, e supponmos mesmo, que são elles todos mal cabidos porque não é possível suppor tão pouca dignidade em homens, que se encarregaram de uma pasta. Acreditamos antes, que a falta em que se acha o gabinete, é devida a especialidade de suas circumstancias. Succedendo a um gabinete, que tenha uma grande maioria, não tendo havido combates nas tribunas, e por consequencia não se podendo bem avaliar mutuamente, os membros do gabinete estão receiosos de avançar. Fazemos-lhe a justiça de suppor, que não querem elles na essencia desmentir os principios, que sempre professaram e propalaram: mas acreditamos, que talvez entre elles tenha havido alguma duvida sobre algum ponto cardinal de politica ou administração; e que talvez por esse motivo permanecem indecisos.

Mas seja o que for, ainda uma vez rogamos ao gabinete, que nos diga o que é: que nos tire desta terrivel incerteza. Aqui na côrte vamos vivendo: mas como será nas provincias? que força tem a estas horas os presidentes de S. Paulo e Minas, em quanto não tiverem a certeza de que são conservados? seus inimigos como agora os não ludibriarão. Consta-nos, que o Sr. Ottoni escreveu d'aqui para Minas, que chegado a esta côrte em duas horas fizera resolver a demissão do gabinete de janeiro: não o duvidamos. E sendo assim, que força pôde ter a esta hora o Sr. Andréa nomeado pelo gabinete de janeiro?

Pensa o ministerio, que com effeito deve professar os principios do Sr. Ottoni? professe, mas seja franco: tire o Sr. Andréa, e nomeie para a presidencia de Minas, o conego Marinho ou o Sr. José Pedro de Carvalho: chame mesmo para uma das pastas o heróe do Parahybuna. Mas se pensa o contrario, diga-o também com franqueza.

Diz-nos-lhão, que sendo conservados os presidentes, basta isso para lhes conservar a força; e nós diremos, que se trata da força physica, ou militar é isso verdade: esta deve obedecer ao presidente em quanto este não é mudado: porém se se trata da força moral, é perfeita illusão.

Todas as provincias estão no mais desgraçado provisorio. O que não irá no Maranhão, quando ali se souber a noticia da demissão do ministerio, que nomeou o Sr. Figueira de Mello? E entretanto nem se pratica um acto, que certifique a continuação desse Sr. na presidencia, nem também se lhe nomea successor.

Governo, que não governa é ente, que consta de attributos repugnantes. Se o ministerio quer ser governo, é necessario que dê direcção aos negocios publicos, e por consequencia á politica e á administração do Estado.

O QUE É O NOVO TEMPO.

O *Novo Tempo* fazendo a sua profissão de fé, exige do gabinete, entre outras cousas, que seja forte contra todo o partido armado: até aqui estamos perfeitamente de accordo: até hoje contra o que mais temos chamado é contra a resistencia armada: temos dito muitas vezes, que não é meio preciso em um governo representativo, e que tem tribuna e imprensa: estimamos muito achar

quem ajude nosso pequeno brado: quem grite com nosco: nada de resistencia armada: guerra aos partidos armados sob qualquer nome, titulo, causa, ou pretexto, que appareçam.

Mas o contemporaneo logo no verso dessa pagina está em perfeita desharmonia com nosco: descrevendo o periodo, que tem decorrido de 1837, até hoje o contemporaneo commettendo erros grosseiros, o descreve com as mais negras côres.

E' falso, que desde 1837 até hoje, tenha havido um partido dominador no poder. Em abril de 1839 se demittiu o gabinete de 19 de setembro apenas com 19 mezes de existencia: e a esse ministerio succedeu o ministerio nullo do Sr. Candido Baptista, e o outro igualmente nullo senão mais nullo dos Srs. Galvão e Ramiro. O que fizeram esses dous ministerios? Quem for capaz, que apresente um só acto delles, que mostre hoje, que existiram. Seus nomes existem registrados na lista dos ministros; mas a columna das observações está em branco.

Ao gabinete Ramiro-Galvão succedeu o gabinete de maio de 1841; mas apenas teve dous mezes de existencia, e esses occupados com a questão da maioridade: assim mesmo deixou recordações: mas as passaremos de lado para tornar á nossa historia. Em julho appareceu o gabinete Limpo-Andrada, que durou até março do anno seguinte, gabinete destruidor, que tudo deitou por terra, e que nada construiu. Estave por ventura no poder nesse tempo o grande partido da ordem, e partido nacional?

Já vê o contemporaneo, que dos seus sete annos, que não muito mal contados, pois que de 19 de setembro de 1837 até 31 de janeiro de 1844 vão menos de 6 annos e meio, dous annos devem ser tirados para o tempo em que não estivemos no poder: temos por tanto apenas 4 annos e meio. E neste tempo tivemos a reparar os immensos males, que fez o gabinete Limpo-Andrada.

E ainda assim cuidamos, que os ministerios, que durante esse tempo tiveram o poder, não o fizeram sem deixar de si saudosas recordações. O ministerio de setembro suffocou a rebellião da Bahia em quatro annos. O ministerio de março em quasi tempo igual suffocou as rebeliões de S. Paulo e Minas, que se baseavam na resistencia armada, cousa que o contemporaneo não admite. E o gabinete de janeiro levou aos ultimos apuros a rebelião do Rio Grande. Como então é esse tempo descripto com tão negras côres pelo contemporaneo? como dizer, que foram estancadas as fontes de nossa vida politica, ensecados os ramos da publica felicidade, e reduzidos nós á sorte dos povos ignorantes e escravizados? que o meio por que os ministerios dessa epocha se sustentaram, foram deshonestos e corruptores, e que debaixo deste ponto de vista, os dinheiros publicos foram esbanjados, as honras prostituidas, todas as classes da sociedade invadidas e contaminadas? que o poder judiciario foi atropelladamente esbulhado de sua independencia, o corpo legislativo durante uma legislatura, mal comprehendeu seus importantes deveres?

E ainda por fim, como ousa o contemporaneo dizer, que o poder moderador foi como que manietado no uso de suas funcções? Sabe o contemporaneo que importa esta accusação? sabe que foi o pretexto com que foram rebelladas Sorocaba e Barbacena? Quando e como foi o poder moderador manietado? qual foi a prerogativa, que quiz exercer e não exerceu com toda a liberdade? Esta

accusação é muito grave, e carece de algumas explicações, que suppomos não serão recusadas. S. M. o imperador dissolveu a camara eleita sob influencia do gabinete de julho, demittiu livremente o gabinete de março, e deu a demissão, que lhe pediu o gabinete de janeiro: se pois exerceu esses actos com toda a liberdade, que acto foi outro qualquer, em que fosse manietado? E quem foi que o manietou? No ministerio existem dous conselheiros d'estado: não sabem elles o contrario? como então o *Novo Tempo*, que se diz ministerial, assosinha assim semelhantes calumnias?

Outra vez o repetimos: é de absoluta necessidade, que o contemporaneo declare algum facto positivo, que justifique a sua proposição; aliás temos o direito de dizer-lhe, que quem assim começa sua carreira, quem assim inventa factos de tal importancia em seu primeiro numero, dá muito triste ideia de si. Queremos dar-lhe, (o que absolutamente ignoramos) que alguma vez não fosse o gabinete da mesma opinião, que S. M.: não é isso manietar o poder moderador em suas attribuições: S. M. tinha o direito de ordenar ao gabinete, e de o demittir, se lhe este não quizesse obedecer, direito que tambem este tinha: por ventura cuida o contemporaneo, que S. M. não exerceria esse direito se de alguma medida se tratasse interessante ao bem publico? por ventura não proveio a dissolução do gabinete de janeiro de não querer S. M. acceder a uma medida proposta pelos ministros?

Aguardamos a resposta do contemporaneo.

AINDA MAIS--NOVO TEMPO.

Pedimos venia aos nossos leitores, por ainda nos occuparmos com este nosso irmão mais novo; mas estreou e le tão mal a sua carreira, que não temos remedio senão olhar por elle a vêr se o fazemos mudar de rumo.

Diz o contemporaneo, que o Sr. Ramiro pôde ser desembargador, assim como são o Sr. Barreto Pedroso e Gomes de Campos: a paridade não é exacta; mas desejosos de fugir a toda a discussão pessoal, que não traga immediata utilidade publica, passamos adiante. Diz, que o Sr. Paulino e o Sr. Honorio se despacharam a si desembargadores. Quanto ao Sr. Paulino é verdade, que o despacho lhe foi dado, estando elle com a pasta de justiça: mas asseguramos, que o não soube elle senão depois de feito: isso foi muito explicado na occasião. Mas é quanto ao Sr. Honorio, que enristamos a lança. Porque razão repetiu o contemporaneo uma calunnia tantas vezes refutada? Pois o Sr. Honorio foi despachado desembargador em 1843? pois o Sr. Honorio não é desembargador desde 1830?

E' facto tão publico, tem tantas vezes sido repetido, que só pôde ser dito hoje com absoluta má fé.

E quem assim estrêa sua carreira, não dá de si a mais triste ideia? quem avança taes falsidades e calumnias, em que conta quer que o tenhamos?

A MORTE DO SR. JOSÉ BENTO.

No meio de tantas calamidades, que nos affligem, ainda veio mais uma para nos augmentar nossos motivos de dôr: foi a maneira por que deixou de existir o Sr. senador José Bento Leite Ferreira de Mello. Quaesquer que fossem as suas qualidades, ninguem tinha o direito de o privar da existencia: nem mesmo a sociedade, porque esta só o pôde fazer em casos dados depois de uma sentença proferida em juizo competente. O Sr. José Bento

era um senador do imperio, e como tal tinha direitos a consideração mais particular; mas ainda que o não fosse, ainda que fosse o ultimo dos cidadãos Brasileiros, devia gozar das immunições concedidas a todos; e uma dessas é a segurança pessoal. Mas em vez de caminharmos nas vias da civilisação, parece que queremos voltar aos tempos da barbaridade!

O assassinato é um meio tão vil e tão covarde, que deve horrorisar a todas as almas bem formadas. E foi por esse meio vil e covarde, que perdeu a vida um senador do imperio! Nem temor de Deos, nem dos homens.

Estamos persuadido, que as autoridades respectivas, empregarão todos os meios para descobrir e fazer punir o malvado. Em um caso destes, não se trata de partidos: trata-se da vida de um homem, a quem a eleição de seus concidadãos e a escolha da corôa havia elevado á primeira gerarchia. Se hoje houvesse menos energia em perseguir os assassinos do Sr. José Bento, quem sabe sobre que cabeça pende a mesma sorte?

Reunindo-nos em sociedade, renunciámos ao direito terrível de nos fazermos justiça por nossas proprias mãos. É o maior mal, de que nos livrou a associação: não queiramos voltar a esse desgraçado estado. Aquelle, que tiver reclamações a fazer, faça-as perante os tribunaes do paiz. Se eu tiver direito de vingar-me do meu inimigo, terá este o direito de vingar-se de mim, e então somos peiores que feras; porque ao menos entre essas o lobo não mata o lobo.

Em paz deacance a alma do Sr. José Bento!

RIO GRANDE.

Depois que escrevemos o artigo, que em nosso numero anterior publicámos sobre os negocios do sul, novas noticias chegaram annunciando novas victorias alcançadas pelas forças imperiaes sobre as dos rebeldes. Como anteriormente havemos annunciado, os caudilhos em parte alguma acham guarida; em parte alguma se atrevem a esperar por nossas forças; pelo contrario para os apaulhar são necessarias surpresas, e apanhal-os e batel-os é uma e a mesma cousa.

Parece, que ultimamente havia ideia de cercar Canabarro. Com effeito é este o unico chefe, que ainda conserva algum prestigio, e ainda pôde dispor de força consideravel. Já por vezes tem sido perseguido, e já mesmo foi obrigado a dividir sua gente, para poder mais facilmente evadir-se; mas ainda não soffreu verdadeira derrota, porque ainda não avistou de frente nossos soldados. O general barão de Caxias o perseguia vivamente, segundo as ultimas noticias; e para que lhe não pudesse escapar, de combinação com elle marchava o bravo tenente coronel Francisco Pedro com uma força de mil e quinhentos homens. Oxalá, que quer o general, quer o tenente coronel o achem; porque quer em um quer em outro caso, a derrota do cabecilha é certa.

Estas noticias, tem feito deplorar mais vivamente a demissão do ministerio de janeiro. Sabe-se, que o general barão, entretém estreitas relações de amizade com alguns desses ex-ministros; e que ou antes lhe deram o plano, que tão bons effeitos tem surtido, ou ao menos tiveram o bom senso de lhe deixar executar o que elle concebeu: em um ou outro caso a victoria correu seu proceder.

E fará o mesmo o actual gabinete? E o general terá no ministerio a mesma confiança, para que obre com o mesmo desembaraço e liberdade?

Houve quem se lembrasse de dizer, que o Sr. Saturnino não entrará para o novo ministerio, porque pretendia ser enviado para o Rio Grande. Supponmos, que não é isto de toda a exactidão; mas no caso que fosse, as noticias vinhas devem ter tirado ao Sr. inspector da alfandega do Rio de Janeiro, toda a esperanza de succeder já ao barão general. Não é possível, que haja ministerio algum, que seja tão estúpido, que demitta de uma provincia em guerra um general, que tantos louros tem colhido para a dar a hum homem, que apenas tem em seu abono o *Bosquejo sobre o Rio Grande*. Seria rematada loucura.

E mesmo não seriam necessarias intrigas para que S. M. houvesse de attentar nesse negocio.

Cuidamos pois, que o Sr. Saturnino não irá ao Rio Grande, por em quanto. E certificamos, que nessa provincia tudo vai o melhor, que é possível esperar-se. Uma mudança poderia ser para peor, para melhor, de certo que não.

MORTE DE FILIPPE NERY.

É morto no Rio Grande o brigadeiro Philippe Nery: é uma perda bem sensivel para os inimigos do paiz, e os relevantes serviços desse homem na longa luta, que nos campos do sul se tem sustentado entre a monarchia e a demagogia, são tão conhecidos, que nos dispensam longa narração. De todos os chefes, que ali tem ido, recebeu sempre mostras de particular estima: seu posto foi sempre o do perigo. Em quanto nossa fronteira foi por assim dizer o Rio Pardo, dispozo os rebeldes do resto da campanha, commandou o Rio Pardo: e agora commandava em Cassapava, onde se fez o deposito geral, e por assim dizer o centro das operações. Ha no Rio Grande muitos bravos, ha muitos fleis; mas um cidadão militar, que reuna as qualidades, que reunia o brigadeiro Philippe Nery, é sempre uma perda mui sensivel. A terra lhe seja leve.

MAIS UM ASSASSINATO.

Foi assassinado em sua fazenda nesta provincia, termo de S. João do Principe, o Sr. João Evangelista da Silva com um tiro. Ainda se ignora quem seja o assassino. Reclamamos das autoridades, em nome do paiz, a mais decidida actividade. O bacamarte não pôde ser juiz entre os homens. Afaste-se d'entre nós este uso terrível. O paiz infelizmente se presta a elle pela falta de população, e densidade e abundancia das matas; mas por isso mesmo tenham as autoridades mais vigilancia.

E os réos deste assassinato, e os do assassinato do Sr. José Bento, serão submettidos ao jury, se forem descobertos?

ENTRUDO.

Passou-se o entrudo, as autoridades policiaes estiveram vigilantes, e este resto da antiga barbaridade deve ter este anno produzido menos effeitos, que nos anteriores. São tantas as desgraças, que ordinariamente acarretão estes tres dias de desenfreada licença, que muito desejamos vêr os seus divertimentos substituidos por outros. Ha tantos meios de brincar sem ser preciso molhar a gente com agua fria em dias do mais intenso calor! Sem ser preciso entrar pelas casas dentro como furiosos! Sem ser preciso incommodar quem vai pelas ruas manso e pacifico, e muitas vezes a negocios de absoluta necessidade! Haja entrudo, mas entrudo decente e honesto: entrudo para divertir e não para incommodar.